

## Documentário etnográfico “As Gavetas do Armário”<sup>1</sup>

Thaís PEDRON<sup>2</sup>

Laís SAMPAIO<sup>3</sup>

Igor SACRAMENTO<sup>4</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

O que a figura da *drag queen* significa para o homem que a veste?

Foi sob esse questionamento de natureza psicológica que fomos à campo para construir o documentário "As Gavetas do Armário". Utilizando a etnografia como método, analisamos e acompanhamos a rotina e o comportamento de *drag queens* da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro e do interior de São Paulo. Com isso, procuramos explorar e entender como as pessoas por trás dessas personagens as interpretam e até que ponto isso é uma interferência em sua vida pessoal. Acompanhando bastidores de boates, shows e visitando as casas dos próprios artistas, respondemos não só nosso questionamento inicial, mas criamos uma série de outras perguntas que nos fazem refletir e chegar a conclusão de que a complexidade da questão se estende tanto quanto pode se estender a complexidade da mente humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antropologia, documentário, *drag queens*, etnografia.

### 1 INTRODUÇÃO

O documentário etnográfico “As Gavetas do Armário” foi resultado de uma proposta realizada para a matéria de Antropologia e Comunicação ministrada na Escola de Comunicação Social (ECO) da UFRJ. A experimentação do trabalho de campo, método utilizado por muitos antropólogos para mapear e analisar um determinado contexto social; e o entendimento da Antropologia como ciência foram, a nosso ver, os principais objetivos da proposta.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria IV – Cinema e Audiovisual, modalidade CA 02 Filme de não ficção/documentário/docudrama (avulso).

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 6º Semestre do Curso Comunicação Social, email: thaispedroncomunica@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante do 6º. Semestre do Curso Comunicação Social, email: lais.sampaio2@gmail.com.

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social, email: igorsacramento@gmail.com.

Em conjunto com a base teórica dada em sala de aula, que serviu como pano de fundo para delinearmos as diretrizes do trabalho, os alunos deveriam escolher um grupo social para que se desse início uma pesquisa etnográfica. Sendo assim, os graduandos deveriam acompanhar semanalmente o grupo escolhido e realizar anotações individualmente em seu diário de campo. Ao fim do semestre, era possível produzir um trabalho escrito sobre a experiência ou um documentário etnográfico.

Escolhemos a modalidade documentário, pois já sabíamos que, mesmo quiséssemos documentar uma ínfima parte do universo escolhido, ela não poderia caber em um trabalho escrito. A não ser que escrevêssemos um livro, chegamos à conclusão de que o que estávamos prestes a vivenciar só poderia ser plenamente transmitido, mesmo que parcialmente, através da linguagem audiovisual. Tomamos essa decisão no início do processo e fomos confirmando nosso ponto de vista ao longo do mesmo.

“As gavetas do armário” foi um título que nos surgiu no final do trabalho, depois de termos contato com todas as peculiaridades do universo que conhecemos. Ele também se adequou perfeitamente à proposta inicial que tínhamos de explorar psicologicamente o objeto de nosso estudo, adentrando com uma câmera em locais escondidos não somente do espaço físico do grupo social estudado, mas também do espaço mental. O nome, metaforicamente, faz alusão às partes pouco conhecidas do chamado "armário" onde geralmente um homossexual se guarda antes de assumir sua sexualidade publicamente; e, literalmente, aos armários onde muitos dos informantes presentes no documentário guardavam as roupas que utilizavam para se “montar”. As gavetas eram as partes que continham adereços bem interessantes, como seios artificiais e fitas para prender os órgãos genitais, e que não eram mostrados logo no início das conversas.

## **2 OBJETIVO**

O trabalho tem como objetivo primário levantar questionamentos em torno da pergunta central “O que a figura da *drag queen* significa para o homem que a veste?”. Sob este viés psicológico, o vídeo também se propõe a mostrar novos ângulos e perspectivas sobre a vida pessoal e profissional das *Drag Queens*, buscando, entre outros pontos, expor como o personagem se molda e afeta o dia a dia dos atores que os interpretam.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Escolhemos o tema por dois motivos principais. Primeiramente, este era um assunto que nos fascinava há algum tempo, sobretudo por poder ser analisado sob diversos aspectos e áreas da

ciência. Em segundo lugar, não encontramos muitos trabalhos acadêmicos que explorem o universo *drag queen*, e, os que se propõem a explorá-lo não tem como guia de construção o viés psicológico de seu objeto.

Sobre a modalidade, como já exposto anteriormente, preferimos a linguagem audiovisual pela gama de possibilidades e nível de profundidade que ela pode oferecer, mesmo em um formato curto como deve ser um trabalho acadêmico. Longe de pretendermos esgotar o assunto, entendemos que um documentário permite ao autor exercer certa distância da construção da narrativa e infligir ao espectador questionamentos próximos de sua realidade, além proporcionar uma liberdade maior de interpretação.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Todo o embasamento teórico – e ponto de partida - do trabalho foi pautado nos *princípios fundamentais que compõem o método de pesquisa da antropologia moderna* teorizado pelo fundador da antropologia social Bronisław Malinowski, que implementou o que foi considerada uma “inovação técnica do trabalho de campo” no século XX. Esta consiste em na participação ativa do pesquisador no cotidiano social observado, por meio de acompanhamento contínuo do grupo. Utilizamos os três princípios (ou três passos) propostos por pelo autor, que são: organização e documentação concreta e/ou estatística de manifestações do grupo observado; observação e acompanhamento ativo do mesmo; e, por último, a coleta de informações e narrativas relatadas pelo próprio objeto de estudo (chamado de *corpus incriptionum*) para que se possa compreender sua visão de mundo.

De forma semelhante, utilizamos também a teoria do antropólogo brasileiro Roberto Cardoso de Oliveira, que baseia o trabalho do cientista social em três elementos cotidianos, mas fundamentais na pesquisa empírica: *olhar, ouvir e escrever*. Oliveira (2006, p. 31 e 32) conclui que “o olhar e o ouvir constituem a nossa percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica” e que o “escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento, uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar.”.

Durante o processo de observação e acompanhamento, contávamos com a ajuda de uma observadora digital: uma Canon T3i e alguns cartões de memória. Não possuíamos equipamento profissional como microfones, tripés ou iluminadores. Para edição final do material, utilizamos o software videográfico *Adobe Premiere*.

## **5 DESCRIÇÃO DO PROCESSO**

O trabalho foi desenvolvido em várias etapas, ao longo do total de cinco meses. Primeiramente, em sala de aula, foram apresentados os principais autores e títulos objetos de estudo para o trabalho antropológico, incluindo também a identificação e exclusão de comportamentos e pensamentos etnocêntricos por parte dos alunos que viriam a se tornar pesquisadores.

O segundo passo foi a escolha do objeto de estudo, ou seja, qual grupo social seria observado, estudado e retratado no trabalho. Em um primeiro momento, fizemos uma auto avaliação do conhecimento prévio sobre o assunto e em seguida, decidimos qual aspecto do objeto iria nos guiar durante nosso trabalho de campo.

Após a definição da perspectiva teórica, iniciamos o processo da pesquisa empírica: a identificação e contato com as pessoas que serão acompanhadas e estudadas. Posteriormente, demos início ao processo de observação de comportamento e a perscrutação de seus pensamentos e pontos de vista. Durante esta etapa, realizamos anotações em um diário de campo, parte fundamental para ta interpretação final da vivência com o objeto de estudo e local onde anotávamos nossa trajetória, impressões e dificuldades.

O convívio e indagações foram registrados através de horas de filmagem representando o olhar subjetivo do pesquisador sobre as cenas observadas. Após este período e concluindo a parte de pesquisa de campo, foi realizada uma seleção de cenas, dada a enorme extensão do material. Procuramos utilizar a menor quantidade de efeitos visuais e sonoros possíveis e apesar de ser impossível não interferir no olhar do espectador, nossa intenção é deixa-lo o mais livre possível diante dos questionamentos e interpretações que o filme pode vir a trazer.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

De fato, um vídeo de 20 minutos poderia resumir o que gostaríamos de mostrar. Queríamos entender um pouco do viés psicológico de ser uma drag queen e, partindo do pressuposto que cada ser humano possuirá uma interpretação distinta dos fatos que presenciamos, produzir um material que pudesse interferir e conduzir o menos possível a visão do espectador a uma determinada linha de pensamento. Não sei se conseguimos cumprir a missão por inteiro, mas tenho certeza que conseguimos transmitir alguma mensagem relevante em prol de que se volte mais a atenção para as peculiaridades de um grupo, antes de julgá-lo. Estes detalhes podem revelar o abismo de desconhecimento que existe entre você, sujeito, e eles, grupo. E o desconhecimento embutido à falta de vontade de conhecer não somente é perigoso como priva

o sujeito de alargar o seu discurso humano e de descobrir coisas surpreendentes que estavam dentro de seu repertório mental todo o tempo.

Creio que este recado, pelo menos de forma abstrata, conseguimos passar. Entretanto, o grupo que estudamos ainda tinha muita coisa a dizer. Concluimos, mais tarde, que esta seria a maior perda de qualquer documentário, uma vez que é necessário selecionar parte do que foi colhido para construir o vídeo final. Ainda assim, ficamos satisfeitos com o resultado e, particularmente, tivemos a impressão de que conseguimos atravessar grande parte do abismo de desconhecimento que existia entre nós próprios e o objeto estudado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Ed.UNESP, 1998.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

\_\_\_\_\_. **O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2001.

LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Antropologia estrutural I**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MALINOWSKI, B. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

PEIRANO, M. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

VELHO, Gilberto. KUSCHNIR, Karina. **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2003.